

IDENTIDADE E FESTA NAS TRIBOS DE ÍNDIO DE CARNAVAL.

Jessyca Marins¹

Resumo: O presente trabalho é fruto de uma reflexão inicial acerca da manifestação carnavalesca conhecida como Tribos de Índio, na qual seus praticantes criam e recriam uma imagem do “índio”, apresentando-se no carnaval da cidade de João Pessoa. Nossa pesquisa foi realizada através de observação direta junto à Tribo de Índio Guanabara do bairro de Mandacaru e o Desfile do Carnaval Tradição promovido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa entre os anos de 2013 e 2015. As narrativas apresentadas no desfile, bem como pelos integrantes da Tribo Guanabara em seus ensaios, e outras situações cotidianas nos conduziram a uma reflexão acerca da representação que estes indivíduos faziam sobre os indígenas brasileiros. Assim, percebemos a persistência de um estereótipo de “índio” na Festa carnavalesca, bastante sintonizada com o imaginário popular brasileiro que distingue “índios de verdade”², portadores de alguns sinais diacríticos específicos, e “índios de mentira”, aqueles que destacam esses sinais apenas em momentos especiais, como a festa. Desse modo, “tornar-se índio” pode significar o acionamento de traços identitários reconhecidos e legitimados como “próprios da cultura indígena”. Esta escolha pode receber outras leituras além da estética (a boniteza), significando também um reconhecimento social que nos parece em consonância com a condição de opressão social vivenciada por estes indivíduos. Cabe destacar que entre os “índios de verdade” e os “índios de mentira” recaem cotidianamente diversos processos e situações de invisibilidade e estigmatização social que os aproximam em contextos urbanos.

Palavras-chave: Identidade; Festa, Carnaval; Tribo de índio.

A maioria dos brasileiros gostam de festas, no nosso país elas são tão diversas que respondem a quase todas as expectativas e desejos. No entanto, existe sempre aquela festa que guardamos num lugar especial de nossas memórias. No meu caso, a festa presente nas minhas mais alegres lembranças é o Carnaval. Talvez possa ter alguma relação com o fato de eu ter nascido em uma terça-feira gorda na cidade do Recife, cidade que, de certa forma, se legitima como referência nacional se tratando de Carnaval. Levando em consideração que tanto na vida, como na academia, nossas escolhas são conduzidas em consonância com nossas trajetórias (VELHO, 2013), decidi pesquisar o Carnaval por ser apaixonada por esta festa, antes e depois da antropologia fazer parte da minha vida.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia social da UFPB. E-mail: jessycamarins@outlook.com

² Se faz necessário evidenciar que as categorias “índio de verdade” e “índio de mentira”, são categorias nativas, que conduziram a reflexão central do meu Trabalho de Conclusão do Curso em Ciências Sociais intitulada de “ “índios de verdade” e “índios de mentira”: Identidade e Festa nas Tribos de carnaval. ”. Onde faço, a partir de uma pesquisa etnográfica, uma análise do processo de construção de uma identidade indígena, acionada apenas na festa de carnaval (no cotidiano ninguém quer ser “índio”), bastante vinculada com uma ideia romântica e estereotipada sobre os indígenas. Porém, nesta comunicação, trago uma discussão mais voltada para a Teoria da Festa, levantando algumas reflexões sobre a dinâmica do carnaval da cidade de João Pessoa.

Muitos dizem que no Brasil “o ano só começa depois do carnaval”. Tal afirmação pode ser de fácil compreensão quando se leva em consideração a interpretação antropológica e sociológica da festa, como ruptura com o cotidiano, dando espaço para o estabelecimento de uma nova ordem social no momento ritual da festa (DUVIGNAUD, 1983). Ou seja, com o término do Carnaval um ciclo se encerra e outro se inicia, e com ele todas as obrigações cotidianas, isso explica “*esse comportamento excessivo, brincalhão, barulhento, vaidoso, competitivo. Aquele ‘é só hoje, amanhã não tem mais’, ‘eu vou me acabar’. E você quer se acabar mesmo, ficar doente na quarta-feira de cinzas*”. (CAVALCANTI, 2013, p. 41). Todo esse excesso só nos faz sentido, porque legitimamos que o reinado de Momo³ é o único período do ano onde tudo é permitido, portanto, deve-se aproveitar ao máximo, tendo em vista que só se repetirá no próximo ano, no início de um novo ciclo. Desse modo, o Carnaval também age “*como o escape, indispensável para a manutenção da rotina*”. (PEREIRA DE QUEIROZ, 1992, p. 205).

Sabemos, por outro lado, que o carnaval implica também escolhas, tomadas de decisão, como já foi observado por Agier “*o carnaval associa fortemente a criação identitária e a criação cultural. Ao fazer a máscara, eu defino os traços identitários que me convém mostrar por um momento na situação liminar e permissiva do rito*” (2011, p. 149). Isso faz com que, diante de tantas possibilidades de criação na festa de Momo, alguns indivíduos escolham se caracterizar de “índios” no carnaval de João Pessoa.

Foi o confronto com essa forma de auto representação carnavalesca que me fez atentar para os blocos de índio ou Tribos de Índio, expressão festiva presente em alguns bairros da cidade, que se apresentam anualmente na festa oficial do carnaval da cidade, num Concurso/Desfile de algumas dessas Tribos. Entender o que esta expressão artística representa para seus integrantes? Como se organizam? Como se dão as relações de poder dentro de uma Tribo? Como se dão as escolhas dos sinais identitários que são acionados na Avenida Duarte da Silveira no Carnaval, tais como, alegorias, temas, coreografia, adereços? Qual representação indígena é acionada? Tais perguntas me motivaram na busca de uma maior compreensão deste universo de significados.

³Considerado o “Rei da Folia”, Momo recebe, simbolicamente, a chave da cidade que fica sob seu (des)controle nos quatro dias de Carnaval. Gordinho, extrovertido e brincalhão, Momo era considerado o Rei do Sarcasmo e do Delírio na mitologia grega, incorporado nas festas, anterior a era cristã, que envolvesse bebida, comida, sexo, desenfreadamente, adaptado, no Brasil, para as festas carnavalesca, tornando-se um dos maiores símbolos do carnaval.

Meu primeiro contato com o Carnaval tradição⁴ de João Pessoa ocorreu muito antes de imaginar o sentido antropológico que o mesmo poderia me revelar, em 2008. Vinda de Fortaleza e ainda com poucos amigos, a primeira sensação que tive foi a do estranhamento diante de tal festa, que passava longe das minhas referências sobre o que eu compreendia acerca do Carnaval. Não posso negar que a primeira impressão que tive foi de que se tratava de uma festa sem graça, não era um “carnaval de verdade”, visão etnocêntrica de minha parte.

Um dos elementos que mais me intrigaram naquele carnaval foi a presença das Tribos de Índios, que eu não conhecia até então. Eu me questionava qual o sentido e qual a relação daquelas agremiações que se apresentavam naquele Desfile. Naquele momento eu não consegui fazer nenhuma associação nem compreender como seguiam juntos índios e carnaval. Nesse período, eu nem imaginava a importância das festas numa sociedade, coisa que só fui percebendo aos poucos, após a inserção no curso de Licenciatura em Ciências Sociais no ano de 2010.

No Carnaval de 2013, agora já com o intuito de observar cientificamente esta expressão artística, as Tribos de Índio do Carnaval, me dirigi até a Avenida Duarte da Silveira no bairro da Torre, local onde ocorrem os festejos oficiais promovidos pela Prefeitura Municipal da cidade João Pessoa, na tentativa de conseguir alguma aproximação com alguma das Tribos ali presentes e poder conhecer um pouco melhor esta expressão que ainda me soava estranha àquela festa.

No final dos desfiles, fiquei na saída do “Corredor da Alegria”⁵, na tentativa de conversar com os integrantes das Tribos de índio, buscando conseguir uma aproximação com algum “dono da Tribo”⁶, e assim poder perceber de “perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) os preparativos para o Carnaval de 2014. Consegui conversar com “dois donos de Tribo”, seu Antônio, da tribo Guanabara do bairro de Mandacaru, e com seu José Teixeira Borges, Tribo Ubirajara do bairro do Rangel, além do feiticeiro⁷ da Tribo Papo Amarelo. Ambos os “donos das Tribos” me esclareceram algumas coisas, falaram como se sentiam pós-desfile, que estavam muito satisfeitos com o resultado, fruto de um ano de trabalho.

⁴ “Carnaval Tradição” é como se denomina a festa Oficial, promovida pela Prefeitura Municipal de João Pessoa.

⁵ Nome Oficial do local do desfile, na Av. Duarte da Silveira em João Pessoa, início da Beira Rio, onde na semana do carnaval, costumam-se montar arquibancadas de ambos os lados para o público, jurados e autoridades.

⁶ Dono da Tribo, É a forma como são chamados os organizadores da tribo, são eles os maiores responsáveis por quase tudo na tribo, são os portadores dos saberes e segredos das Tribos.

⁷ Personagem da tribo. Falarei dele em seguida.

Seu Antônio foi o único que me deu permissão para acompanhar os preparativos para o Carnaval de 2014. Então, em setembro de 2013, reservei meus sábados à noite para começar a observar os ensaios da Tribo de Índio Guanabara do bairro de Mandacaru.

O que é uma Tribo de Índio?

Apesar de, em João Pessoa, alguns indivíduos vestirem-se de índio para brincar seu carnaval, devemos ter cuidado para não confundir esses grupos com os Caboclinhos, por exemplo, grupos que também se vestem de índio para brincar seu carnaval, na cidade do Recife. Em visita a Paraíba, Mario de Andrade, em 1928/29, fez um dos primeiros registros desta expressão artística denominada por ele de “Cabocolinhos”, que em sua definição na obra “Danças Dramáticas do Brasil” de 1982, seria o “*nome genérico, usado no Nordeste, para designar toda e qualquer dança dramática inspirada nos usos e costumes ameríndios*” (p. 185). Na atualidade, sabemos que não é bem assim: “Caboclinhos” e “Tribos de Índio”, e outros possíveis grupos de dança que se vestem de índio são expressões artísticas distintas, representando em suas performances a imagem dos índios de diferentes formas.

As Tribos de Índio consistem, grosso modo, em uma expressão artística relacionada ao carnaval, onde os indivíduos dançam e dramatizam o “ritual da matança”⁸. Assim, em João Pessoa as Tribos de Índio se apresentam anualmente para um público de vizinhos e amigos, e nos casos de concursos, para uma comissão julgadora que avalia e pontua as suas performances em um Desfile/Concurso promovido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, de acordo com diversos critérios como conjunto, coreografia, fantasias, capacetes⁹, batuques e estandartes. Todos dançam e encenam o “ritual da matança” com os seguintes personagens: cacique, pajé, feiticeiro, caçador, espiões (que carregam os grandes capacetes da tribo), porta-estandarte, conjunto de tocadores de percussão, cordões (filas de ambos os lados de índios dançando o “tore”), invasores, contramestre e curumins (grupos de crianças que participam do desfile).

⁸ Ritual dramatizado no desfile. Momento onde os integrantes simulam uma batalha entre si, onde todos morrem, restando apenas o Cacique/Pajé e o Feiticeiro. Após recitada a Loa pelo Cacique/Pajé, todos ressuscitam. Explicarei melhor mais adiante.

⁹ Espécie de cocares gigantes, que chegam a pesar 40kg, se constituem em um dos maiores símbolos desta expressão artística, em João Pessoa.

Uma Tribo de Índio é composta por cerca de 50 a 80 integrantes no total, entre músicos e dançarinos. Os integrantes são quase todos oriundos da mesma comunidade e se encontram durante alguns meses do ano, em um ciclo carnavalesco¹⁰, para ensaiar, socializar, enquanto se preparam para a competição dos desfiles de carnaval. O grupo musical é composto por ganzá, triângulo, bumbo e um instrumento de sopro feito de cano PVC denominado pelos integrantes por gaita, que apresenta um som bastante característico, se constituindo como um dos referenciais desta expressão artística.

Em João Pessoa, atualmente (em 2015), existem 10 tribos de índios em bairros periféricos¹¹ da cidade: a Tribo Indígena Tabajara (Alto do Mateus); Tribo Indígena Tupy Guarany (Mandacaru), Tribo Indígena Papo Amarelo (Cruz das Armas), Tribo Indígena Tupinambá (Mandacaru), Tribo Indígena Pele Vermelha (Cristo), Tribo Indígena Africanos (Cristo), Tribo Indígena Ubirajaras (Rangel), Tribo Indígena Flecha Negra (Cruz das Armas), Tribo Indígenas Xavantes (Bola na Rede - Bairro dos Novais) e Tribo Indígena Guanabara (João Tota - Mandacaru).

Objetivando compreender um pouco sobre as Tribos de Índio, iniciei minha pesquisa buscando referências sobre a mesma, através de registros em jornais e trabalhos acadêmicos. No entanto, as fontes acerca desta expressão artística ainda se apresentam muito escassas, se tornando uma das maiores dificuldades da pesquisa.

A pesquisa foi dividida em duas etapas: na primeira fiz um levantamento bibliográfico nas principais bibliotecas de João Pessoa, a Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, a Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB, e o acervo do Espaço Cultural José Lins do Rego onde tive acesso aos jornais desde 1930. O primeiro registro encontrado, do Carnaval de 1934, fazia menção aos grupos que se vestiam de índio como os mais “originais” do Carnaval pessoense, como podemos perceber nesta nota que destaca as agremiações do tipo “bloco de índios” ou “caramurus”:

“Aham-se organizados vários clubes nos populosos bairros da nossa capital, no estilo dos ‘caramurus’, mas este é, certamente, um dos mais bem ensaiados, exibindo-se com toda originalidade digna de atenção, pois nos dá a impressão de estarmos em frente de verdadeiros índios, que de lança e punho, fazem requebrados interessantes, num ritmo monótono, mas ao mesmo tempo impressionante”. (Jornal A União, 11 de fevereiro de 1934).

¹⁰ Entendendo aqui por ciclo carnavalesco todo o período que se estende desde os preparativos até os dias de Carnaval.

¹¹ Por periféricos, me refiro aos bairros que sofrem processos de marginalização e segregação geo-espacial.

A segunda etapa da pesquisa se consistiu em uma observação participante, onde tive a oportunidade de observar os ensaios de uma das Tribos de Índio do bairro de Mandacaru, a Tribo de Índio Guanabara, onde acompanhei os preparativos carnavalescos de setembro de 2013 a março de 2014, coletando dados referentes a essa expressão artística.

E por falar em festa, vamos falar de carnaval?!

Como as demais comemorações do nosso calendário festivo, o carnaval faz parte de um grupo de acontecimentos que fogem do cotidiano, são situações que de certa forma se caracterizam como momentos de “quebra da rotina”, eventos atípicos, que ocorrem em um ritmo diferenciado. No entanto, não se pode dizer que tais eventos sejam isentos de regras. O espaço/tempo da festa possui lógicas específicas inventadas e reinventadas socialmente em seus contextos específicos.

O Carnaval se legitima como a festa do povo por excelência, mesmo assim, com regras, ele é demarcado pela alegria, tempo/espaço de ser o que se deseja: pirata, rei, jardineira, índio, policial, negro, cigano, super-herói. A consciência coletiva (DURKHEIM, 1893) que se legitima durante os quatro dias de Carnaval, atribui um sentido diferente a estes dias, quando somos invadidos por um repentino “espírito Carnavalesco”. Pode não existir, de fato, uma inversão total da ordem estabelecida (DA MATTA, 1997), ao contrário do que é frequente se escutar, o Carnaval não se caracteriza pela falta da ordem, não é a “festa da desordem”, “sem lei”, a festa do famoso “pode tudo”, ou então “relaxa, é carnaval”. Embora seja inegável, vivenciarmos de uma maneira diferente a experiência carnavalesca, no Carnaval a ordem estabelecida não é invertida, ou eliminada, ela continua atuando sobre as relações sociais, embora o sentimento coletivo gerado em torno desta festa nos faça acreditar que estamos vivenciando um momento muito diferente do convencional, na verdade, estamos reproduzindo os mesmos papéis ou papéis semelhantes, e ocupando os mesmos espaços ou semelhantes, simbólicos, delimitados cotidianamente. Pereira de Queiroz (1992) observa, a respeito dos bailes de carnaval dos clubes do Rio de Janeiro que:

“os comportamentos dos participantes do baile estão dirigidos pelos mesmos valores e normas, orientam-se segundo as mesmas divisões que a sociedade carioca apresenta na vida diária e que existem igualmente na sociedade global brasileira. As

efervescências dos comportamentos não anulam nem a configuração, nem os valores e preconceitos da sociedade presente, embora se proclame o contrário; com efeito, o baile só pode existir apoiado nesta configuração e nestes valores, nos quais se mostra fortemente enraizado, da mesma forma que qualquer outra atividade cotidiana”. (p. 151).

Ainda que tenhamos por costume classificar o Carnaval como uma festa democrática e igualitária, observamos no seu desenrolar que as desigualdades apenas utilizam uma nova roupagem, vestidas de alegria em plena avenida, onde se vive um momento de glória passageiro, muitas vezes representando um dos grandes motores na vida de milhares de foliões esquecidos e invisíveis cotidianamente que encontram no carnaval um sentido especial para viver.

Nos processos de construção e “invenção” de uma possível Identidade Nacional, alguns símbolos são considerados como “tradicionais” ou “autenticamente” brasileiros. E o Carnaval pode ser considerado como um desses grandes símbolos, podendo tornar-se um eficiente sinal identitário em contraste com outras nacionalidades. Podemos perceber nas mais variadas modalidades estéticas, a sua presença marcante, tais como músicas (MPB), literatura, filmes, pinturas, difundidas pelos grandes veículos de informação de massa como referências artísticas do nosso país, legítimos e autênticos produtos culturais¹². Nascer no Brasil é quase uma intimação a gostar dessa festa, tanto quanto se deve amar o futebol, a caipirinha e o samba.

Nessa perspectiva, Salvador, Recife/Olinda e Rio de Janeiro tornam-se cidades carnavalescas por excelência, cidades que durante os dias de folia, ganham uma intensa visibilidade nacional, tendo em vista que esses três carnavais são considerados como referências nacionais. Deste modo o Carnaval se constituiria como um dos símbolos da identidade nacional, que são acionados com orgulho. No entanto, corroboramos com Cavalcanti (2013), que “*uma festa não pode ser vista só como um emblema identitário*” (p. 44).

Introduzido no Brasil mediante seus colonizadores, o Carnaval foi se transformando e conquistando o título de expressão “autenticamente” brasileira, se constituindo em um dos maiores símbolos da nossa identidade nacional, afinal, seria nessa festa onde “se encontram

¹² Como a primeira obra do escritor baiano Jorge Amado, intitulada de “O país do carnaval”, 1978, como na célebre música do carioca Vinícius de Moraes, “a felicidade”, ou a “bagaceira” do compositor pernambucano Siba, ou ainda “pecadinho” do compositor baiano Tom Zé. Não é de se estranhar que todos esses nomes façam menção ao carnaval em suas produções, tendo em vista eles, os artistas, são oriundos de cenários onde o Carnaval apresenta uma grande visibilidade nacional, são cidades referência se tratando de folia de Momo, Salvador, Rio de Janeiro, Recife/Olinda.

irmanadas as três raças¹³: o branco, o negro e o índio” (ALVES, 2009)¹⁴. Se esta premissa está correta, qual o papel ocupado pelo “índio” nesta festa “autenticamente” brasileira?

Tal qual e juntas com a sociedade, as festas mudam, se transformam, deixam de ser uma coisa e passam a ser outra, ressignificando-se nesse processo. No entanto, costumamos nos lamentar pelos tempos de outrora que não voltam mais, que sem dúvida eram os melhores, com a famosa “retórica da perda”, associado nesse caso à festa, Chianca (2013), pôde observar na festa junina, através da nostalgia, sua marca mais forte:

“não como uma necessidade de ‘volta no passado’, mas lembrando e tornando possível a renovação dos laços sociais que nos ligam a familiares, vizinhos, colegas, compadres e amigos, vínculos tão apreciados e necessários a todos nós, também nas grandes cidades.” (p. 20.)

Trazido pelos portugueses, na forma de “entrudo” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1992), o Carnaval foi se modificando com o decorrer do tempo. Festa caracteristicamente citadina, onde simbolicamente a “chave” da cidade é entregue ao rei Momo, destinando os centros urbanos como os lugares ideais de tal manifestação “*Entrudo, Grande Carnaval, Carnaval Popular, compuseram no Brasil três grandes fases de uma festa que se realiza na mesma época do ano e com o mesmo significado – o da alegria desenfreada*” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1992, p. 59). As pessoas se deslocam para estes centros não mais com o sentido que costumam ter cotidianamente, como espaços destinados ao trabalho ou áreas de comércio, mas sim para se divertirem, brincar o carnaval. Acredito que seu significado não é unívoco, mas com certeza a alegria continua sendo uma das suas maiores marcas.

“O nome de Grande Carnaval dado aos folguedos dos dias gordos nos fins do séc. XIX tinha sua razão de ser: Por volta de 1870, pequenos grupos de negros e mulatos, habitando bairros pobres e periféricos do rio de janeiro se reuniam para cantar e dançar nas vielas e nos quintais durante o Carnaval; As canções, o ritmo sincopado da música mostrava a origem afro-brasileira; surgia o Pequeno Carnaval. A abolição da escravidão fez proliferar tais grupos.” (PEREIRA DE QUEIROZ; 1992 p. 55).

¹³ Destaco que o conceito de “raça”, utilizado pela autora, nos últimos tempos vem sendo bastante problematizado nas Ciências Sociais e em muitos casos, sobretudo na antropologia, vem sendo substituído pelo conceito de “etnia”.

¹⁴ “Catálogo das Agremiações Carnavalescas de Recife e Região Metropolitana”, 2009. Disponível em: <http://casadocarnaval.blogspot.com.br/p/publicacoes-recentes.html>

Entrudo, Grande Carnaval, Carnaval Popular, essas três grandes fases, revelada por Pereira de Queiroz (1992), ocultam outras eventuais formas carnavalescas, mas essas distinções estariam em convergência com as transformações ocorridas na sociedade urbana que se instaurava com maior intensidade a partir desse período. Corroboramos com Pereira de Queiroz (1992), quando nos diz que, *“sociedade e Carnaval sempre caminharam emparelhados, guardando a mesma configuração e composição sociais, de tal modo que as modificações da festa correspondem sempre às mudanças que se verifica na sociedade.”* (p. 218).

Tais transformações são muito complexas, pois, neste intervalo muitas outras formas de Carnaval também ganhavam espaço nas cidades como: “Carnaval Veneziano”, “Baile de Máscaras”, “Corso”, “Mela-mela”, “Clubes Carnavalescos” (MONTES, 1989). Tanto ricos, como pobres, sempre encontraram uma forma de fazer seus carnavais sem que possamos afirmar quando começa uma fase e termina outra, pois antes, como ainda hoje, alguns carnavais ganham mais visibilidade em detrimento de outros.

O que acontece, por exemplo, com o Carnaval da cidade de João Pessoa, que para muitos “não tem Carnaval”, pela comparação com o Carnaval de Recife, cidade vizinha, uma cidade legitimada como referência nacional se tratando de carnaval. No entanto, concordo com Pereira de Queiroz (1992), por tal festa se apresentar contemporaneamente muito dicotomizada entre “Grande Carnaval” e “Pequeno Carnaval”. Ou seja, junto a um “Grande Carnaval” legitimado como forma “autêntica” de se fazer a festa, surgem em contraponto, pequenos carnavais invisibilizados, e de pouco interesse midiático e público. Esse interesse em promover algumas formas de Carnaval em detrimento de outras, visa beneficiar os interesses de uma minoria, quais sejam, os empresários e investidores, principalmente a mídia, como apresenta Pereira de Queiroz (1992), quando nos dizia que *“na verdade comerciantes e jornalistas foram importantes fatores na implementação do ‘Grande Carnaval’, pois estes estimulavam os negócios”*. (p. 53).

Desta forma os grandes empresários, a mídia, e o Estado, continuam investindo nos “Grandes Carnavais”. No caso particular de João Pessoa, o poder público direciona uma maior atenção para as prévias carnavalescas, seu “Grande Carnaval”, enquanto que permanece junto com as camadas populares o “Pequeno Carnaval”, que o mesmo poder público, incorpora ao seu “Grande Carnaval” na forma de uma festa chamada de “Carnaval Tradição”. Não estou querendo dizer com isso, que os atores que dão vida ao Carnaval Tradição sejam meras marionetes neste processo, esses também se beneficiam com esse Carnaval, apesar de haver

uma má distribuição dos recursos e da visibilidade midiática que reflete uma desigualdade existente na cidade.

Um documentário produzido pela Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE) sobre o Carnaval Tradição de João Pessoa, intitulado de “Tem Carnaval aí?!”, traz à tona algumas problemáticas em torno do Carnaval Tradição. Mesmo se tratando de um documentário produzido por um órgão público, ele revela através de depoimentos de mestres, participantes, lideranças políticas e acadêmicos, ou seja, por diversas óticas, que o Carnaval Tradição é um Carnaval “esquecido” na distribuição de recursos públicos, reforçando uma segregação já existente, na festa da cidade. Em João Pessoa o carnaval “Folia de Rua”¹⁵ se afirma como o Carnaval das elites, a parte “nobre” do “Grande Carnaval”, enquanto que o “Carnaval Tradição” se legitima como um Carnaval popular, “Pequeno Carnaval” oficial, feito por pobres para pobres assistirem, sem propiciar interesse comercial nos seus financiadores e produtores. Pode-se perceber esse corte, no discurso do historiador Wills Leal (2011), quando ele nos diz, naquele mesmo documentário que:

“Chegamos ao cúmulo de dividir nosso Carnaval em dois Blocos: Carnaval Tradição dos pobres, e ao Carnaval da classe média, dos ricos, que têm as benéficas da mídia, dos políticos, dos recursos. Como se a cidade fosse duas.” (Documentário “Tem Carnaval aí?!”, FUNJOPE, 2011)

Em outro momento deste mesmo documentário, Lau Siqueira¹⁶ revela que o que acontece com o Carnaval de João Pessoa se chama “preconceito de classe, porque não é a burguesia do ‘Folia de Rua’ que está fazendo esse Carnaval”, demonstrando assim a distância entre a realidade e o discurso do Carnaval idealizado como a festa mais democrática da nossa sociedade. Ao invés de apresentar a estrutura social pelo avesso, a estrutura, permanece ali do lado direito, ou seja, as desigualdades, pretos, pobres, mulheres e índios, continuam sendo esquecidos na mesma posição, pois no carnaval, os mesmos valores que nos regem cotidianamente estão ali presentes na festa, mais vivos do que nunca.

Carnaval Tradição como o “Pequeno Carnaval”

¹⁵ Prévia carnavalesca promovida pela Prefeitura de João Pessoa.

¹⁶ Artista, atual Presidente da Secretaria do Estado da Cultura (SECULT), Ex-presidente da Fundação do Espaço Cultural da Paraíba, Ex-presidente da Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE).

O Carnaval Tradição da cidade de João Pessoa surge como uma tentativa de centralizar o Carnaval “pobre” em um lugar específico da cidade, na Avenida Duarte da Silveira, localizada no bairro da Torre, que se torna o lugar oficial da folia em três dias de festa, tendo início no sábado de Carnaval e encerramento na segunda. Ele consta principalmente de um Desfile Oficial/Campeonato das Agremiações do Carnaval de João Pessoa, entre elas, Tribos de Índio, Ala Ursas, Escolas de Samba, Orquestra de Frevo, divididas em duas categorias, “A”, as mais pontuadas, e “B”, as menos pontuadas.

Sabemos que, além do Desfile Oficial, nos demais dias do Carnaval ocorrem outros desfiles nos bairros dos quais as agremiações são oriundas, cada comunidade faz seu “Pequeno Carnaval” independente. As apresentações variam a cada ano. Houve um ano em que todas as categorias desfilavam, alternando entre si durante os dois dias, um dia desfilavam as do bloco A, e no segundo dia as do bloco B. No ano de 2015¹⁷, as agremiações se apresentaram separadamente: Tribos de Índio em um dia (sábado de Carnaval), Escolas de Samba no segundo dia (domingo de Carnaval), e Ala Ursas e Orquestra no terceiro dia (segunda de Carnaval). Destacando a importância deste Desfile para os grupos populares, Sousa (2006), salienta que esse é o “*momento em que as pessoas saem de suas comunidades, dos seus bairros e fazem seu carnaval, ou seja, mostram sua cultura, o que sabem fazer, o que os caracterizam enquanto artistas e construtores de saberes em um meio social. Mostram os esforços de quase um ano.*”(p. 16).

Em “No tempo do Lança-perfume”, 1994, o jornalista Wills Leal na tentativa de uma reconstrução histórica do carnaval de João Pessoa, faz referências ao momento histórico em que as agremiações populares começaram a ser percebidas pelo conjunto da cidade:

Após 1888, o Carnaval se tornou o espaço, o local adequado para eles [os negros], apresentarem o seu novo status, mostrarem-se como homens livres. Em 1860, bandos de escravos brincavam a cambinda, e os maracatus nas ruas de João Pessoa, enquanto o entrudo corria frouxo, como brincadeira praticada pelos seus patrões. (1994, p. 131).

Portanto, podemos pensar que o Carnaval Tradição se tornou “o local adequado” para os moradores das periferias estigmatizadas apresentarem seu “novo status”, não mais o de

¹⁷ Ano em que, segundo a Prefeitura Municipal de João Pessoa, o Carnaval da cidade estaria completando seu centenário. No entanto, em entrevista concedida ao Parlamento PB, o jornalista Wills Leal desmente tal comemoração. Disponível em: <http://www.parlamentopb.com.br/Noticias/?pesquisador-garante-que-centenario-do-carnaval-da-capital-e-farsa-12.02.2015>

escravos libertos, como no passado, mas de “artistas do asfalto”¹⁸, enquanto que seus patrões se divertem não mais no entrudo, mas em outras cidades e espaços desta cidade.

Para nós, o Carnaval Tradição se revela como mais um de tantos outros espaços segregados socialmente em espaços destinados para ricos e para pobres, ou seja *“longe de abolir, inverter ou apagar as hierarquias sociais, o período festivo revela como essas distâncias são recuperadas e reorganizadas num conjunto pertinente que ritualiza e recria as distinções sociais cotidianas.”* (CHIANCA, 2013, p. 66). Se no Carnaval podemos considerar que os brasileiros contam uma história para os próprios brasileiros, a história que é contada continua sendo a história de um país que reproduz a sua gritante desigualdade social na avenida da alegria. Deste modo, corroboramos com Cavalcanti (2013):

“Então, as festas têm uma função que vai além delas mesma, precisam ser olhadas com muita atenção, pois trazem muitos conflitos para a luz do dia. Para a Antropologia os rituais são portas de entrada para as culturas e sociedades... As festas são rituais, compreender uma festa é compreender uma sociedade como um todo, porque muita coisa que não se fala no dia a dia, ali você encontrará dita em alto e bom som.” (p. 50).

Contudo, compreender o Carnaval da cidade de João Pessoa pode ser percebido como uma possibilidade de entendimento da dinâmica da cidade, que se revela na festa de Carnaval, tendo em vista que *“festas são realidades mais ou menos paralelas a rotina da vida, representando a alteridade do mundo ordinário e previsível.”* (BRUNO CAVALCANTI;2013. Pág. 12). Deste modo, podemos considerar que as Festas, em seu sentido antropológico, se constituí em um importante espaço “bom para se pensar” a dinâmica social de um grupo ou de uma sociedade e a forma como estes constroem suas identidades nos momentos festivos.

¹⁸ Expressão utilizada por Beto Costa, presidente da liga carnavalesca de João Pessoa, a se referir aos verdadeiros produtores artísticos do Carnaval de João Pessoa, em uma entrevista á uma emissora de TV local. <http://paraibaja.com.br/tribos-indigenas-abrem-programacao-do-carnaval-tradicao-em-joao-pessoa/>

Referências:

- AGIER, Michel. **“Antropologia da Cidade. Lugares, Situações, Movimentos.”** São Paulo: Terceiro nome, 2011.
- ANDRADE, Mário. **“Danças dramáticas do Brasil.”** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1982.
- BRUNO CAVALCANTI; César. Entrevista. Revista Observatório Itaú nº 14. São Paulo, 2013.
- CAVALCANTI; Maria Laura Viveiros de Castro. Entrevista. Revista Observatório Itaú nº 14. São Paulo, 2013.
- CHIANCA, Luciana. **“São João na Cidade: Ensaios e Improvisos sobre A Festa Junina”.** João Pessoa: Editora UFPB, 2013.
- DA MATTA, Roberto. **“Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.
- DA MATTA, Roberto. **“O Carnaval como rito de passagem”:** Ensaios de uma antropologia estrutural. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- DUVIGNAUD; Jean. **“Festas e civilizações”.** Fortaleza: Editora Tempo Brasileiro, 1983.
- LEAL, Wills. **“No tempo do lança perfume, ou a história do Carnaval de João Pessoa.** João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1994.
- MAGNANI; José Guilherme Cantor. **“DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana.”** Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17, nº49, 2002.
- MONTES; Maria Lucia. **“O erudito e o que é popular, ou escolas de samba: a estética negra de um espetáculo de massa.”** Revista USP. Dossiê sociedade de massa e Identidade. São Paulo, 1989.
- PEREIRA DE QUEIROZ; Maria Isaura. **“Carnaval Brasileiro. O mito e o vivido.”** São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- VELHO; Gilberto. **“Um antropólogo na cidade, Ensaios de Antropologia Urbana”.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.